Autor: Sebastião Benicio Marques

Bela Cruz, 05 de maio de 2010

A HISTÓRIA DE UM SER QUE MORA ENTRE O CÉU E A TERRA.

(SEBASTIÃO BENICIO MARQUES)

05 – 05 – 2010

01
Com o poder de Jesus Cristo
E a força de Sansão
A caneta de Apolo
Quero a vossa permissão
Para escrever em verso
A vida de um cristão

02
É da minha própria vida
Que quero vos falar
Contar tudo direitinho
Com cuidado para não errar
A viagem é muito longa
Não quero me atrapalhar

03
A minha família é grande
E tem muita travessia
Precisa de fé em Deus
Na sempre Virgem Maria
Pra contar a história certa
Com prazer e alegria

04
A minha interessante história
Agora é que vou começar
No dia vinte e três de agosto
Vim ao mundo apreciar
O ano era 1922
E a todos papai foi anunciar

05
A mamãe teve dez filhos
Eu vim por derradeiro
Era uma bela criança
Parecia com o primeiro
Todo mundo queria ver
O caçulo do carpinteiro

06
Eu tive sorte na vida
Fui criado com alegria
Mimado por todo mundo
É pena que eu não sabia
Que todos me tinham amor
Era inocente e não via

07
Assim fui crescendo
Em um mar de alegria
Com dois meses de nascido
Levaram-me a Santa Pia
Receber água do batismo
Pra ser filho de Maria

08
O meu padrinho de vela
Morava perto de nós
Chamava-se Francisco Antero
Era um homem veloz
Ligeiro igual relâmpago
Cantando tinha boa voz

09
A madrinha de vela
Era chamada de Maria
Irmã do meu padrinho
É da mesma freguesia
Morava perto de nós
Se vendo todo dia

10
O padrinho de apresentar
A gente já conhecia
Também era meu primo
E perto da gente residia
Que ele fosse meu padrinho
Todo mundo queria

11
Papai era carpinteiro
Tinha uma carpintaria
De onde ganhava o pão
Trabalhando noite e dia
Para o sustento dos filhos
Trabalhava com alegria

12
Já mamãe fazia roupa
Pra homem, mulher e criança
Passava o dia na máquina
Trabalhando com esperança
Esperando por Jesus Cristo
Quem espera por Deus não cansa

13
A família era grande
Doze bocas pra alimentar
Mais graças a Deus o casal
Sabiam bem trabalhar
Juntando o ganho dos dois
Ainda dava pra sobrar

14
Quanto eu completei
Três anos e oito dias
Comecei a estudar
Era isso que eu queria
Meus irmãos me levavam
Nas suas companhias

15
O prazer da minha vida
Era só de estudar
Quando não ia a escola
Passava o dia a chorar
Se fosse pelo meu gosto
Estudava sem parar

16

Assim eu ia levando a vida
Sempre com Deus na guia
Amando sempre o estudo
Pra ser alguém um dia
Meu desejo era a arte
Principalmente a carpintaria

17

Com quatro anos de idade
Já queria experimentar
Pegava um serrotinho
Querendo já serrar
Mas o papai não deixava
Podia eu me cortar

18

E foi observando papai
Que alguma coisa aprendia
Foi com força de vontade
Querendo fazer o que eu via
E estudando com vontade
Decorando o que eu lia

19
Até agora caros amigos
De mim não se sabe nada
Mas agora vou contar
Direitinho sem amassada
Vou dar o nome da minha família
Mas sigo na mesma jornada

20
A família do papai
É natural do Aranaú
Um povoado pequeno
No município de Acaraú
Do lodo do norte a mar
E as moradas são para o sul

21
A família do papai
Pode-se dizer um familão
São sete homens e quatro mulheres
Vivem todos em união
Morando todos pertinho
Na maior satisfação

22
Raimundo Ferreira Marques
É meu papai querido
Afinal toda irmandade
É por Marques conhecido
Moram em terra deles
Não tem nenhum desvalido

23
A família de mamãe
Também é familão
São dezessete pessoas
Mas são de outra região
São da Uruburetama
Terra do milho e feijão

24
Maria Marques da Cunha
Como ela é chamada
Conhecida por todo mundo
A sua pátria idolatrada
Amiga de suas amigas
Mulher séria e respeitada

25
Por motivo superior
O pai dela mudou pra cá
Para o nosso Aranaú
No intuito de mora
Conhecer a vida na praia
E se dessem bem aqui fica

26
As famílias Marques e Cunha
Uniram-se em casamento
De forma admirável
Parecia um cumprimento
Que eles estavam cumprindo
Se uniram em juramento

27
Vou pedir permissão
A Deus primeiramente
Pra fazer um paradeiro
Depois seguir em frente
Falando de mim outra vez
E também da minha gente

28

Eu estou no rumo certo
Nove anos vou completar
Tenho sete de estudo
Já sei ler e contar
Se não houver contratempo
Muito novo vou me formar

29

Mais as coisas não acontecem
Do jeito que se queria
É como Deus determina
E a sempre Virgem Maria
É Eles que marcam o tempo
Só eles têm sabedoria

30

Agora meus amigos
Acabou minha alegria
O papai quer se mudar
Pra outra freguesia
Pra trabalhar de agricultor
E deixar a carpintaria

31
Era perto do Aranaú
O lugar que morávamos
Se chamava Barrinha
E todos nós gostávamos
A terra era do papai
Perto do mar onde pescávamos

32
Quando o papai nos contou
Que íamos nos mudar
Marcou a hora e o dia
Para nós se aprontar
Foi choro pra todo lado
Ninguém queria viajar

33
A vinte e três de agosto
De 1936
Fizemos a tal partida
Todos tristes, mas se fez
Era ordem de nosso pai
Se obedecia de vez

34

Deixamos nossa casa
E uma bela vazante
Ao norte da nossa casa
Era um ponto galante
E para o lado do sul
Um coqueiral verdejante

35

Só porque não tinha mato
Para fazer roçado
Só a oficina era pouco
E por tempo variado
Tempos tinham demais
E as vezes era parado

36

Às duas horas da manhã
Começamos a viajar
Sem saber pra onde íamos
Muito menos onde ficar
Só papai sabia tudo
Mas não ia nos contar

37
As cinco e meia da manhã
Já clareando o dia
Todos nós cansados
Sem saber pra onde ia
Já se via alguns casebres
Sem presença de moradia

38
Tudo coberto de palha
Não parecia com morada
As paredes eram de ramo
Ainda assim esburacada
Não gostei nada das casas
Não tinha porta nem nada

39
Já bem às oito horas
Papai quis nos animar
Ele disse já está perto
De onde vamos ficar
Só falta nove quilômetros
Para nós viajar

40

Mas ali tem uma casa
Na margem da estrada
Vou botar as cargas abaixo
Lá tem uma aguada
Vou dar água aos animais
Pra recomeçar a jornada

41

O dono da tal casinha
O papai já conhecia
Botamos o comboio abaixo
Já era quase meio-dia
Fomos da água aos animais
Num bebedouro que havia

42

A mamãe foi para cozinha
O nosso almoço fazer
Nós trazíamos peixe e farinha
Tanto pudesse comer
Comemos nós, comeram eles
Até a barriga encher

43

Esse lugar onde paramos
Pra poder almoçar
Era o tal São Gonçalo
Eu já tinha ouvido falar
Mas não sabia onde era
Nunca tinha andado por lá

44

Pegamos uma estrada
Que de São Gonçalo saia
No meio de uma mata horrível
Sem ter outra travessia
Nove quilômetros de distância
Sem ter outra moradia

45

As cinco e meia da tarde
Chegamos no tal Cruzeiro
Era nome do lugar
Que fizemos o paradeiro
Botamos a bagagem abaixo
E ficamos prisioneiros

46
A estrada que viemos
Nos servindo de guia
Só veio até a porta
Da triste moradia
Sem ter mais uma saída
Da pra ter alegria?!

47
De lá deste Cruzeiro
Não se ouvia galo cantar
Onça por todo canto
E gato maracajá
A onça comia tudo
Não prestava pra criar

48
Dois anos consecutivos
Passamos neste lugar
Era uma cadeia pura
E a gente preso sem matar
Aí papai resolveu
Outra terra comprar

49
Como de fato comprou
Desta vez em São Gonçalo
Não tinha a grana toda
Ainda vendeu um cavalo
Pra completar o dinheiro
E paga no mesmo intervalo

50
A terra era boa
Dava ótima habitação
Tinha um riacho no meio
Com água todo verão
Era uma planície bem acentuada
Muito bom para plantação

51
Depois da terra comprada
Fomos fazer o casarão
Trabalhamos quase um mês
Eu, papai e dois irmão
Pois a casa era grande
E fizemos com perfeição

52
Depois da casa pronta
É hora de ir buscar
O restante da família
Que ficou naquele lugar
Como gente desvalida
Para na casa nova morar

53
Agora vamos começar
Nossa vida diferente
Continuando outra vez
A morar onde tem gente
Que se possa conversar
E contar o que se sente

54
Neste tempo em são Gonçalo
Ainda tinha pouca gente
Mas comparado com o Cruzeiro
Que não se via um vivente
Era isolado por completo
E hoje tá tão diferente

55
Vou deixar o São Gonçalo
Com uma melhora não total
Vou fazer um paradeiro
Porque é o meu ideal
E falar de mim mesmo
Contar a minha história real

56
Comecei a trabalhar era jovem
A primeira casa que levantei
Foi com quinze anos de idade
E na colher me dediquei
Trabalhei por muitos anos
Mas a colher não desprezei

57
Com o passar do tempo
Por uma jovem me encantei
O nome dela era Rita
Foi por quem me apaixonei
A vinte e nove de setembro de 1940
Foi neste dia que casei

58
Com os anos vieram os filhos
E a nossa família cresceu
Foram seis filhos no total
O primeiro que nasceu
Foi José Odécio Marques
E Rita a Deus agradeceu

59
No ano de 1950
Dessa vez nasce uma menina
Maria das Graças Marques
Era tão pequenina
Rita ficou satisfeita
Pois era de sua estima

60
No ano seguinte
Nasce mais uma filha
Chamamos de Terezinha de Jesus
Olha só que maravilha
A casa ficando cheia
De crianças que fervilha

61
Mas como eu disse
Foram seis que nasceram
Teve Antônio, Maria e Giselda
Que quando crianças adoeceram
Fizemos de tudo que podia
Mas infelizmente faleceram

62
Foi tudo no ano de 1958
Para nós uma grande tristeza
Pois pegaram uma doença
E além de tudo a fraqueza
Mas tivemos que seguir
Com nossa vida com certeza

63
Trabalhei trinta anos
Com a marreta na mão
Batendo ferro quente
O suor molhando o chão
Pois trabalhei de ferreiro
Não é brincadeira, não!

64
Nos sábados e domingos
Trabalhava todo dia
Com a tesoura na mão
Despachando a freguesia
Só era eu de barbeiro
Tinha de fazer correria

65
Conserto de máquina de costura
Comecei desde criança
Foi dote que Deus me deu
Pois tenho perseverança
E guardei na memória
Tenho sempre na lembrança

66
Em oficina de madeira
Conheço tudo a fundo
Pois comecei muito novo
Trabalhei pra todo mundo
Do grosseiro ao sofisticado
Nunca perdi um segundo

67
A arte de artesão
Vem do artesanato
Fazendo tudo em madeira
Porco, cachorro e gato
Jumento, cobra e peixe
Cururu, caçote e rato

68
Ainda tem mais uma
Meu amigo e cidadão
Além das esculturas
Eu trabalho em violão
São bem feito e garantido
Em todo este torrão

69
Ainda tem um porquê
Que preciso lhe contar
Eu também sou autor
Faço livro e sei versar
Este romanço estou fazendo
Venha aqui que vou mostrar

70
E sobre São Gonçalo
De minha própria autoria
Fiz um pequeno livro
Onde conto toda a história
Sobre a descoberta de lá
E mostro toda a trajetória

71
Quero também contar
Que da igreja fui dirigente
Celebrava aos domingos
Só não casava gente
Durante dezoito anos
E todos ficavam contente

72
Eu quero dizer meus amigos
Se for me procurar
Não é mais em São Gonçalo
Eu não moro mais lá
Estou morando em Bela Cruz
Mas o porquê não vou contar

73
A quinze do mês de julho
Do ano de 1992
Eu cheguei em Bela Cruz
Nem antes nem depois
Já tinha comprado a casa
Veio farinha, feijão e arroz

74
O carro parou na porta
Fomos tirar a bagagem
Botei tudo dentro de casa
Recebendo aquela aragem
Com cheiro de mudança
E o enfado da viagem

75
Minha família era pouca
Era três pessoas somente
Eu, a mulher e uma neta
Ficamos muito contente
Pra morar no casarão
E levar a vida pra frente

76
O tempo foi passando
Cada vez mais alegria
Todos dois aposentado
Era aquela regalia
Eu trabalhando na oficina
Ganhando todo dia

77
A semana era de trabalho
No domingo dava aula de violão
Pra quem quisesse aprender
E não cobrava nada, não
Pois era de muito gosto
Eu fazia com satisfação

78
Já fazia dezesseis anos
Nós estávamos muito bem
A nossa neta estudando
Esperando ser alguém
Mas deu tudo errado
Como quem teve e não tem

79
Minha esposa adoeceu
Foi levada para Sobral
O médico especionou e disse
É muito grave o seu mal
Tem três veias entupidas
E o coração passa mal

80
Foi feito as operações
Mas o resultado foi morrer
Ainda chegou em casa viva
Somente pra me ver
Morreu em poucas horas
Pra aumentar meu padecer

81
Foi a dezoito de maio
Do ano de dois mil e nove
Que perdi minha esposa
E ando ao revés
Com suas lembranças gravada
Da cabeça aos pés

82
Agora caros amigos
Queiram me desculpar
Já contei que eu sou
E como sei trabalhar
Vou findar o romanço
Esperando lhes agradar

83
Agora só me resta
Ter descanso e tranquilidade
Meu tempo bom acabou
Acabou a mocidade
Acabou o prazer da vida
Só ficou a saudade

84
Por aqui vou terminando
Tenham paz e alegria
Peçam a Deus felicidade
Pra viver em harmonia
Peçam sorte pra este devoto
Da sempre Virgem Maria

Fim